


Tema: Sector Vitivinícola					Âmbito: Regional	
Título: Douro está há 20 anos em situação de ruptura					Temática: Generalista	
2006/10/30	O PRIMEIRO DE JANEIRO – PRINCIPAL	Pág.1	Imagem: 1/3		Periodicidade: Diária	Inv.: 3354.17

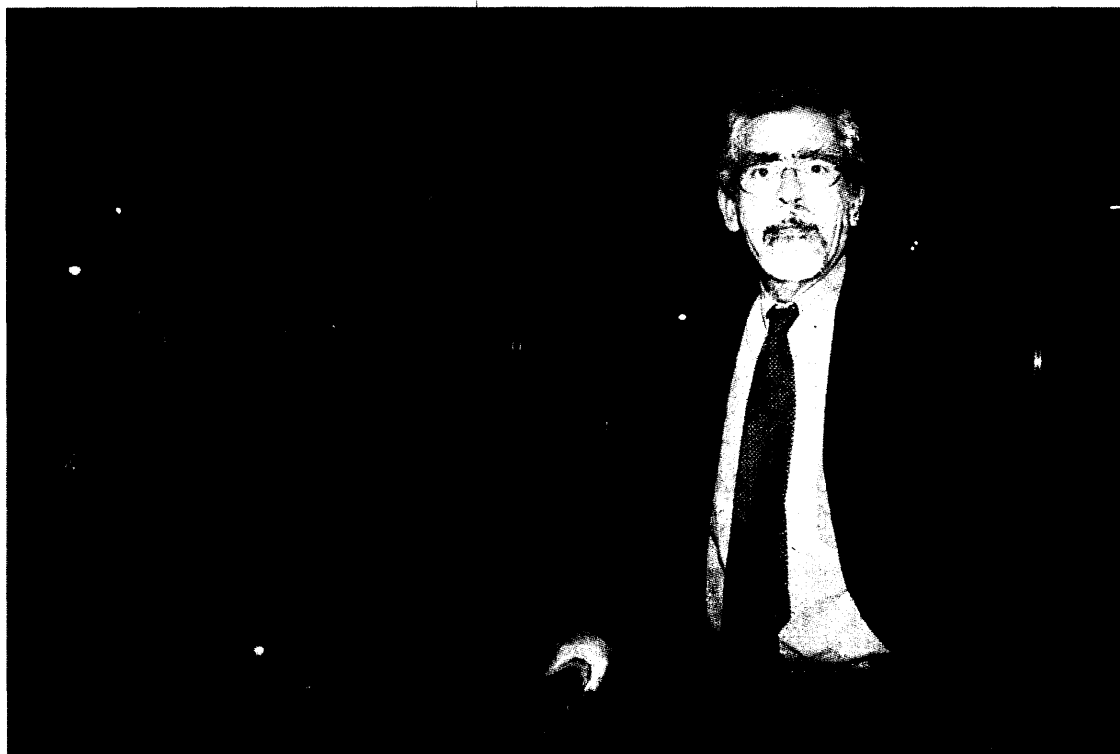
“Douro está há 20 anos em situação de ruptura”

Entrevista com o sociólogo e duriense António Barreto, que aplaude algumas reformas do Governo, mas alerta para o perigo de a tentação demagógica matar os sacrifícios

Págs. 2 e 3

Tema: Sector Vitivinícola					Âmbito: Regional	
Título: Douro está há 20 anos em situação de ruptura					Temática: Generalista	
2006/10/30	O PRIMEIRO DE JANEIRO – PRINCIPAL	Pág.2	Imagem: 2/3		Periodicidade: Diária	Inv.: n.a.

António Barreto, sociólogo portuense, mas com fortes raízes durienses, deixa, em conversa com o JANEIRO sobre o Douro e o plano estratégico lançado pelo Governo, uma mensagem de “desconfiança”, mas também esperança. Já numa análise à governação de José Sócrates, Barreto diz-se surpreendido em relação a algumas medidas. Não obstante, não compreende o sentido estratégico das “guerras em todos os ministérios”, dando algum tempo para “ver se há capacidade transformar simples escaramuças em combates mais importantes”.



ANTÓNIO BARRETO, EM ENTREVISTA AO JANEIRO

A demagogia mata o sacrifício

A homenagem

António Barreto foi a personalidade escolhida pelo Rotary Club Porto-Douro para a homenagem anual que esta edição decidiu distinguir um profissional na área da sociologia. A escolha recaiu então sobre António Barreto por se tratar de “um prestigiado sociólogo”, mas também porque a homenagem este ano pretendia simultaneamente associar-se às comemorações dos 250 anos da Região Demarcada do Douro. No jantar de homenagem, António Barreto realçou o desinteresse dos sucessivos governos pelo Douro nos últimos 30 anos, afirmando peremptoriamente a importância de ser celebrado um “novo contrato entre o Douro e o Estado”.

ISABEL RODRIGUES MONTEIRO
ALVARO C. PEREIRA (FOTOS)

Foi recentemente aprovado e anunciado pelo Governo um plano estratégico para o Douro. Será este um plano de acção para passar à prática ou poderá ser semelhante a tantos outros anteriores?

Ainda é cedo para dizer o que quer que seja. Em relação aos planos dos governos relativamente ao Douro já estou tão desconfiado há tanto tempo que nem digo nada. Notei que o Governo mostrou ter uma intenção ou uma ideia, um desejo de criar um plano estratégico. Abriu um concurso, sei que está criada uma unidade de missão para poder trabalhar tudo isso, mas enquanto não vir os resultados, o que se vai organizar, o que se vai fazer, com que meios, com que objectivos, quais as instituições, os lavradores, as empresas que vão ser associados a tudo isto, não posso dizer nada. Enquanto não vir tudo isto bem montadinho...

Mas no plano teórico é um

projecto que abarca as diferentes vertentes.


Mas primeiro tenho de ver os resultados do que vem a seguir. Estou desconfiado porque criou-se um problema muito sério entre as autoridades e o Douro, seja a Casa do Douro, sejam as cooperativas, sejam os lavradores, sejam os comerciantes. Neste conjunto nos últimos 20 ou 30 anos houve um espécie de ruptura, de desentendimento, de conflito entre o Douro e os governos. E isto criou uma situação muito complicada. E é injusto que durante 200 ou 250 anos houvesse altos e baixos, mas quase sempre vigorou uma espécie de contrato, havia um entendimento. Os governos centrais interessavam-se muito pelo Douro. Infelizmente sei porque se interessavam e não se interessam hoje. Há 50 ou 100 anos a região do Douro produzia uma parte muito importante da balança de pagamentos e provocava receitas fiscais e receitas em divisas estrangeiras que eram essenciais para o erário público. Com a indústria, com as outras regiões de vinhos, com o desenvolvimento da maquinaria, o que o Douro fornece hoje para a balança de

Todos os portugueses sonham com um modelo ideal de cidadania que não existe, nem em Portugal, nem se calhar no mundo inteiro. Mas há países que têm 50 ou 100 anos de experiência. Têm muitos anos de voo, como a Inglaterra, a França. Em Portugal não temos.

pagamentos e comércio externo é muito menos, em percentagem, porque em termos absolutos é muito. Quer dizer que os governos se desinteressaram e abriu-se uma espécie de conflito permanente há 15 ou 20 anos que não é saudável para a região e pode pôr em risco o produto português mais conhecido no mundo. É algo que é conhecido há 200 anos ou mais e corre-se o risco que seja negligenciado e isso é muito grave. Será que o Governo desta vez vai acertar? Vamos ver.

Mas acha que as premissas lançadas no plano são as correctas?

Algumas coisas sim, mas, uma vez mais, já vi isto há anos atrás. Agora a ideia de ter um plano estratégico para as autoridades e para a sociedade civil e empresas é uma boa ideia. A ideia de perguntar a vários consultores para fazerem os seus planos, é uma boa ideia, associar a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Norte, criar uma unidade de missão, tudo isto são os primeiros passos e parecem-me bem dados. Mas ainda não sei o que estão a

Tema: Sector Vitivinícola						Âmbito: Regional		
Título: Douro está há 20 anos em situação de ruptura						Temática: Generalista		
2006/10/30	O PRIMEIRO DE JANEIRO – PRINCIPAL			Pág.3		Imagem: 3/3	Periodicidade: Diária	Inv.: n.a.

Os governos se desinteressaram pelo Douro e abriu-se uma espécie de conflito permanente há 15 ou 20 anos. Isto não é saudável para a região e pode pôr em risco o produto português mais conhecido no mundo

fazer nem o que vão fazer, portanto estou desconfiado.

A comemoração dos 250 anos da Região Demarcada é um ponto de viragem?

Chamaram a atenção e talvez seja por isso que as autoridades se sentiram um bocadinho postas em causa. Sentiram que tinham de responder. Se foi isso, vivam as comemorações, servirão para alguma coisa. Há uma coisa que gosto nestas comemorações que foi o enorme volume de obra que foi restaurada, reeditada ou republicada. Essa parte foi bem feita, mas infelizmente já não há muitas coisas novas feitas, investigação histórica ou investigação anológica, economia do sector. Não há muitas novidades. No outro sector, na recuperação do património acho que tem sido um êxito porque as diferentes entidades que estão à frente das comemorações têm feito um grande esforço para reforçar o património.

Concorda com o lema do manifesto «o futuro do Douro não pode esperar mais»?

Concordo 100 por cento. Estamos há 20 anos em situação de ruptura ou de conflito e os problemas sociais e económicos e vinícolas são problemas muito sérios, tocam muita gente e um produto importante do comércio português.

Está a ser homenageado também como figura destacada da Sociologia. Como analisa a sociedade de hoje?

Isso é um grande capítulo a desenvolver. Em Janeiro vão começar a ir para o ar os filmes que fiz sobre a sociedade portuguesa. A minha resposta está aí. Em 20 ou 30 anos a sociedade progrediu muito, transformou-se muito rapidamente com muitas coisas boas na Saúde, na Educação, na situação das mulheres... Houve progressos fenomenais. Infelizmente há muitos problemas que subsistem ou que criaram novos problemas. Fizemos muito, mas podíamos ter feito muito mais e melhor. Na Justiça podíamos ter feito muito mais. É um diagnóstico partilhado do que tem corrido bem nestes anos e o que tem corrido mal.

Nesse diagnóstico como é vista a actualidade?

Se pensar só no dia de hoje digo

que estou preocupado, porque a situação da Educação é de uma mediocridade total, é absurdo a mediocridade da Educação portuguesa. Estive a ver as notas das disciplinas do 12º e do 9º ano e fiquei chocado com o que vi. Se pensar na Justiça, que para mim é o mais grave... Se só pensar no que temos hoje fico colérico, furioso contra o desperdício que se faz em Portugal. Mas se olhar um pouco mais, 20 ou 30 anos, de onde viemos para onde estamos tenho de ser mais equilibrado e dar nota positiva ao que de bom foi feito e negativa ao que mau foi feito.

Considera que além da crise económica atravessamos uma crise de cidadania?

Acho que sim, mas todos os portugueses sonham com um modelo ideal de cidadania que não existe, nem em Portugal, nem se calhar no mundo inteiro. Mas há países que têm 50 ou 100 anos de experiência. Têm muitos anos de voo, como a Inglaterra, a França. Em Portugal não temos. Foi o analfabetismo, tínhamos taxas de falta de formação e instrução há 50 anos equivalentes às de há 200 anos da Inglaterra, a falta de transportes e comunicações. O interior parecia um país diferente, o norte e o sul não estavam ligados. Não havia democracia, não havia liberdade, cultura. Temos 20 ou 30 anos de horas de voo, de democracia. Tem sido difícil. As pessoas individualmente podem ter um comportamento de cidadão, o problema é depois o sentido da participação no colectivo, no espaço público. Ai falta muito e isso só se faz com experiência e instituições. Não temos experiência nem temos instituições ainda. Será que temos um dia? Não sei, mas esta é a situação que vejo hoje.

E este ano último ano de democracia, como tem sido em termos de governação?

É preciso ver um bocadinho mais. O Governo até me surpreendeu em algumas coisas, no sentido que tomou muitas iniciativas e algumas delas muito simples. Por exemplo, na Educação fechar as escolas duas horas mais tarde, substituir as faltas dos professores. São coisas sensatas, mas que era preciso ter uma visão humana das coisas para atacar directamente e não deixar correr. Em muitas dessas coisas, como a perseguição da fuga ao fisco e da fraude fiscal, são iniciativas para as quais olho com agrado, com interesse. Depois não sei qual é o

Se este Governo fizer o que muitos outros fizeram antes que é estar um ano ou dois a fazer coisas difíceis e depois ao fim de dois anos dizer já está e começar a gastar dinheiro e fazer demagogia, será mais um governo criminoso



sentido estratégico disto tudo. Desencadear 50 guerras ao mesmo tempo, em todos os ministérios, com tudo a berrar, não será a melhor maneira... Muitas vezes foi fácil desencadear as guerras, aquilo que chamo de escaramuças, mas é mais difícil ganhar a batalha. É preciso muitos meios e sobretudo muita organização. O que se está a querer fazer na Saúde, na Educação, na Segurança Social e na Justiça – que tem sido terreno em falta apesar de haver um pacto, que não é grande coisa, é medíocre, foge a

tudo o que é complicado –, portanto, estou atento, na expectativa. Vi algumas iniciativas que me interessaram, vejo outras falhas, vamos ver se há capacidade transformar simples escaramuças em combates mais importantes, mais sustentáveis.

Será este o mandato das reformas?

Se este Governo fizer o que muitos outros fizeram antes, que é estar um ano ou dois a fazer coisas difíceis e

depois ao fim de dois anos dizer já está e começar a gastar dinheiro e fazer demagogia, será mais um governo criminoso. Não podemos continuar a viver assim. Um ano ou dois de dificuldade seguidos de um ou dois de demagogia. A demagogia mata o que se fez com esforço e sacrifício. Isso não pode ser. A demagogia em Portugal tem sido das piores coisas que os políticos têm usado. Gostaria que não fosse isso que venha a acontecer. Vamos ver.